

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

**DAVID  
BROOKS**

**A ESTRADA  
PARA O  
CARÁTER**



**ALTA LIFE**  
EDITORA

Rio de Janeiro, 2019

# SUMÁRIO

---

INTRODUÇÃO:	
ADÃO II	XVII
AGRADECIMENTOS	XI

CAPÍTULO 1:	A MUDANÇA	3
CAPÍTULO 2:	A EVOCAÇÃO DO EU	17
CAPÍTULO 3:	AUTOCONTROLE	49
CAPÍTULO 4:	ESFORÇO	75
CAPÍTULO 5:	AUTODOMÍNIO	107
CAPÍTULO 6:	DIGNIDADE	133
CAPÍTULO 7:	AMOR	157
CAPÍTULO 8:	AMOR ORDENADO	191
CAPÍTULO 9:	EXAMINANDO A SI MESMO	219
CAPÍTULO 10:	O GRANDE EU	247

NOTAS 279

CRÉDITOS DE  
AUTORIZAÇÃO 289

ÍNDICE 291

## A MUDANÇA

NAS NOITES DE DOMINGO A ESTAÇÃO DE RÁDIO PÚBLICA LOCAL RE-  
presa antigos programas. Alguns anos atrás eu estava dirigindo para casa  
e ouvi o *Command Performance*, um programa de variedades transmitido  
para as tropas durante a Segunda Guerra Mundial. O episódio que ouvi  
foi transmitido no dia seguinte ao Dia V-J, em 15 de agosto de 1945.

O episódio apresentava algumas das maiores celebridades da época:  
Frank Sinatra, Marlene Dietrich, Cary Grant, Bette Davis e muitos  
outros. Mas a característica mais marcante do programa foi seu tom  
de abnegação e humildade. Os Aliados haviam acabado de concluir  
uma das mais nobres vitórias militares da história da humanidade. E  
ainda assim não houve vanglória. Ninguém ergueu arcos de triunfo.

“Bem, parece que acabou”, declarou o anfitrião, Bing Crosby, na  
abertura do programa. “O que podemos dizer em um momento como  
este? Não podemos comemorar. Isso é para as férias normais de fim  
de ano. Acho que tudo que se pode fazer é agradecer a Deus.” Neste  
momento o mezzo-soprano Risë Stevens cantou uma versão solene  
de “Ave Maria”, e então Crosby voltou para resumir o clima: “Hoje,  
porém, nosso sentimento profundo é de humildade.”

Esse sentimento foi repetido durante toda a transmissão. O ator  
Burgess Meredith leu uma passagem escrita por Ernie Pyle, o corres-  
pondente de guerra. Pyle tinha sido morto apenas alguns meses antes,  
mas havia escrito um artigo antecipando o que a vitória significaria:  
“Nós ganhamos essa guerra porque nossos homens são corajosos e por

causa de muitas outras coisas — por causa da Rússia, da Inglaterra e da China, e da passagem do tempo e das dádivas da natureza. Não vencemos porque o destino nos criou melhor do que todas as outras pessoas. Espero que, na vitória, sejamos mais gratos do que orgulhosos.”

O programa espelhou a reação da nação em geral. Houve celebrações arrebatadoras, certamente. Marinheiros de São Francisco comandavam os bondes e saqueavam lojas de bebidas. As ruas do Garment District de Nova York estavam recobertas por 12 centímetros de confete.<sup>1</sup> Mas o clima estava dividido. A alegria deu lugar à solenidade e à insegurança.

Em parte porque a guerra tinha sido um acontecimento memorável e produziu tamanhos rios de sangue, à qual os indivíduos se sentiram pequenos em comparação. Havia também a maneira pela qual a guerra no Pacífico terminara — com a bomba atômica. As pessoas ao redor do mundo tinham acabado de ver a selvageria de que os seres humanos são capazes. Agora existia uma arma capaz de tornar essa selvageria apocalíptica. “A notícia da vitória foi tão carregada de tristeza e dúvida quanto de alegria e gratidão”, escreveu James Agee em um editorial daquela semana para a revista *Time*.

No entanto, o tom contido do *Command Performance* não era apenas uma questão de clima ou estilo. As pessoas naquela transmissão fizeram parte de uma das vitórias mais históricas já conhecidas. Mas não saíram por aí dizendo a si mesmas como elas eram ótimas. Não imprimiam adesivos exaltando a própria grandiosidade. Seu primeiro instinto foi lembrar a si mesmas de que não eram moralmente superiores a ninguém. Seu impulso coletivo foi advertir contra o orgulho e a autoglorificação. Resistiram intuitivamente à tendência humana natural para o excesso de amor-próprio.

Ceguei em casa antes de o programa terminar e o ouvi na minha garagem por algum tempo. Então, entrei e liguei a TV em um jogo de futebol americano. Um quarterback lançou um passe curto para um receptor, que foi agarrado quase imediatamente na marca das duas jardas. O defensor fez o que todos os atletas profissionais fazem hoje em momentos de realização pessoal. Fez uma dança da vitória para se vangloriar, enquanto a câmera o focalizava.

Ocorreu-me que eu tinha acabado de assistir a mais autocelebração depois de um ganho de duas jardas do que ouvira depois de os Estados Unidos terem vencido a Segunda Guerra Mundial.

Esse pequeno contraste desencadeou uma corrente de pensamentos em minha mente. Ocorreu-me que essa mudança poderia simbolizar uma mudança na cultura, de uma mudança de uma cultura da modéstia que diz: “Ninguém é melhor do que eu, mas eu não sou melhor do que ninguém” para uma cultura de autopromoção que diz “Reconheça minhas realizações, sou muito especial”. Esse contraste, embora não signifique muito isoladamente, foi como uma porta para as diferentes maneiras de viver neste mundo.

### Pequeno Eu

---

NOS ANOS APÓS O EPISÓDIO DE *COMMAND PERFORMANCE*, PASSEI A ESTUDAR aquele tempo e as pessoas proeminentes na época. A pesquisa me lembrou, em primeiro lugar, de que nenhum de nós deveria desejar voltar à cultura de meados do século XX. Era uma cultura mais racista, sexista e antissemita. A maioria de nós não teria tido as oportunidades que desfrutamos se tivéssemos vivido naquela época. Era também uma cultura mais entediante, com comida insípida e modos de vida homogêneos. Era uma cultura emocionalmente fria. Os pais, em particular, frequentemente eram incapazes de expressar seu amor por seus próprios filhos. Maridos eram incapazes de conhecer profundamente suas próprias esposas. De muitas maneiras, a vida é melhor agora.

Mas ocorreu-me que talvez houvesse um esforço de humildade mais comum do que agora, que havia um sistema moral que remonta a séculos, mas menos proeminente agora, encorajando as pessoas a serem mais céticas em relação aos seus desejos, mais conscientes de suas próprias fraquezas, mais empenhadas em combater as falhas em suas próprias naturezas e transformar a fraqueza em força. As pessoas nessa tradição, pensei, são menos propensas a sentir que todo pensamento, sentimento e realização devem ser imediatamente compartilhados com o mundo em geral.

A cultura popular parecia mais reticente na era do *Command Performance*. Não havia camisetas de mensagens na época, ponto de exclamação nos teclados de máquina de escrever, fitas da conscientização para várias doenças, adesivos de para-choque com declarações pessoais ou morais. As pessoas não se gabavam de suas afiliações na faculdade ou de suas viagens de férias com pequenos adesivos nas

janelas traseiras de seus carros. Havia uma sanção social mais forte contra (como eles diriam) inflar o próprio ego, gabar-se demais e se achar o máximo.

O código social foi incorporado no estilo discreto de atores como Gregory Peck ou Gary Cooper, ou o personagem Joe Friday em *Dragnet*. Quando o assessor de Franklin Roosevelt, Harry Hopkins, perdeu um filho na Segunda Guerra Mundial, a alta patente militar quis afastar seus outros filhos de funções de risco. Hopkins rejeitou essa ideia, escrevendo, com a sutileza mais comum naquela época, que seus outros filhos não deveriam exercer funções mais seguras apenas porque seu irmão “teve azar no Pacífico”.<sup>2</sup>

Dos 23 homens e mulheres que serviram nos gabinetes de Dwight Eisenhower, apenas um, o secretário da agricultura, publicou um livro de memórias depois, e foi tão discreto que beirou o tédio. Na administração Reagan, 12 de 30 membros de seu gabinete publicaram memórias, quase todas de autopromoção.<sup>3</sup>

Quando George Bush pai, criado naquela época, concorria à presidência, ele, tendo inculcado os valores de sua infância, resistia a falar de si mesmo. Se um redator colocasse a palavra “eu” em um de seus discursos, ele instintivamente a ignoraria. A equipe implorava: você está concorrendo à presidência. Você tem que falar sobre si mesmo. Em determinado ponto, eles o obrigaram a fazê-lo. Mas no dia seguinte ele recebeu um telefonema de sua mãe. “George, você está falando de si mesmo de novo”, disse ela. E Bush voltava aos velhos princípios. Não haveria mais “eu” em seus discursos. Não haveria mais autopromoção.

## Grande Eu

---

AO LONGO DOS ANOS SEGUINTE, COLETEI DADOS PARA DEMONSTRAR que passamos por uma ampla mudança de uma cultura de humildade para a cultura do que podemos chamar de Grande Eu; de uma cultura que encorajava as pessoas a pensar em si mesmas com humildade para uma cultura que as encorajava a se ver como o centro do Universo.

Não foi difícil encontrar esses dados. Por exemplo, em 1950, a Organização Gallup perguntou a veteranos do ensino médio se eles se consideravam pessoas muito importantes. Nesse quesito, 12% disse-

ram que sim. A mesma pergunta foi feita em 2005, e desta vez não foram 12% que se consideravam muito importantes, foram 80%.

Os psicólogos têm uma coisa chamada teste do narcisismo. Eles leem declarações de pessoas e perguntam se essas declarações se aplicam a elas. Declarações como “Eu gosto de ser o centro das atenções... Gosto de me mostrar se tiver oportunidade porque sou extraordinário... Alguém deveria escrever uma biografia sobre mim”. A pontuação mediana do narcisismo aumentou 30% nas últimas duas décadas. Noventa e três por cento dos jovens pontuam mais do que a média há apenas 20 anos.<sup>4</sup> Os maiores aumentos foram no número de pessoas que concordam com as afirmações: “Eu sou uma pessoa extraordinária” e “Gosto de olhar para o meu corpo”.

Juntamente com esse aparente aumento da autoestima, tem havido um enorme aumento no desejo pela fama, que costumava ter uma baixa classificação como ambição de vida para a maioria das pessoas. Em uma pesquisa de 1976, que pediu às pessoas que listassem suas metas de vida, a fama se classificou em 15º dentre 16 itens. Em 2007, 51% dos jovens relataram que ser famoso era um dos seus principais objetivos pessoais.<sup>5</sup> Em um estudo, perguntaram às meninas do ensino fundamental com quem elas mais gostariam de jantar. Jennifer Lopez veio em primeiro lugar, Jesus Cristo ficou em segundo e Paris Hilton em terceiro. As meninas foram então questionadas sobre quais dos seguintes trabalhos gostariam de ter. Quase o dobro disse que preferiria ser assistente pessoal de uma celebridade — por exemplo, Justin Bieber — do que reitora de Harvard. (Embora, para ser justo, eu tenho certeza de que o reitor de Harvard também preferiria ser assistente pessoal de Justin Bieber.)

Ao observar a cultura popular, sempre encontrei as mesmas mensagens em todos os lugares: você é especial. Confie em si mesmo. Seja verdadeiro consigo mesmo. Filmes da Pixar e da Disney estão constantemente dizendo às crianças como elas são maravilhosas. Discursos de formatura em universidades estão repletos dos mesmos clichês: siga sua paixão. Não aceite limites. Trace seu próprio caminho. Você tem a responsabilidade de fazer grandes coisas porque é muito bom. Esse é o evangelho da autoconfiança.

Como declarou Ellen DeGeneres em um discurso de formatura de 2009: “Meu conselho para você é ser fiel a si mesmo e tudo ficará bem.” O chef celebridade Mario Batali aconselhou os formandos a seguirem “sua própria verdade, expressa consistentemente por você”. Anna

Quindlen incitou outra plateia a ter a coragem de “honrar seu caráter, seu intelecto, suas inclinações e, sim, sua alma, ouvindo sua voz clara e nítida em vez de seguir as mensagens turvas de um mundo tímido”.

Em seu livro de estrondoso sucesso *Comer, Rezar, Amar* (sou o único homem a terminar esse livro), Elizabeth Gilbert escreveu que Deus se manifesta por meio de “minha própria voz de dentro de mim mesma... Deus habita dentro de você mesmo, exatamente como você é”.<sup>6</sup>

Comecei a olhar para a maneira como criamos nossos filhos e encontrei sinais dessa mudança moral. Por exemplo, os primeiros manuais das escoteiras pregavam uma ética de autossacrifício e autoanulação. O principal obstáculo à felicidade, sugeria o material, vem do desejo excessivo de que as pessoas pensem em você.

Em 1980, como apontou James Davison Hunter, o tom era bem diferente. *You Make the Difference: The Handbook for Cadette and Senior Girl Scouts* [“Você Faz a Diferença: O manual para cadetes e jovens escoteiras”, em tradução livre] dizia às meninas para prestar *mais* atenção em si mesmas: “Como você pode entrar em contato com *você* mesma? O que *você* está sentindo?... Todas as opções disponíveis por meio do escotismo sênior podem, de alguma forma, ajudá-la a entender melhor a si mesma. Coloque-se no ‘centro do palco’ de seus pensamentos para obter uma perspectiva sobre suas próprias maneiras de sentir, pensar e agir.”<sup>7</sup>

A mudança pode até ser vista nas palavras que fluem do púlpito. Joel Osteen, um dos líderes de megagreja mais populares da atualidade, escreve em Houston, no Texas. “Deus não o criou para ficar na média”, diz Osteen em seu livro *O que Há de Melhor em Você*. “Você foi feito para se destacar. Você foi feito para deixar uma marca nesta geração... Comece [a acreditar] ‘Eu fui escolhido, reservado, destinado a viver em vitória.’”<sup>8</sup>

## O Caminho Humilde

---

CONFORME OS ANOS PASSAVAM E O TRABALHO NESTE LIVRO CONTINUAVA, meus pensamentos retornaram ao episódio de *Command Performance*. Fui assombrado pela essência de humildade que ouvi nessas vozes.

Havia algo esteticamente belo na modéstia que as pessoas daquele programa demonstraram. A pessoa modesta é apaziguadora e gracio-

sa, enquanto a pessoa que se autopromove é frágil e dissonante. Humildade é a liberdade da necessidade de provar que você é superior o tempo todo, mas o egoísmo é uma sede voraz contida em um pequeno espaço — uma preocupação consigo mesmo, competitividade e ânsia por distinção. A humildade é infundida com emoções afetuosas como admiração, companheirismo e gratidão. “A gratidão”, disse o arcebispo de Canterbury, Michael Ramsey, “é um solo no qual o orgulho não cresce facilmente”.<sup>9</sup>

Há algo intelectualmente impressionante nesse tipo de humildade também. Temos, escreve o psicólogo Daniel Kahneman, uma “capacidade quase ilimitada de ignorar nossa ignorância”.<sup>10</sup> Humildade é a consciência de que há muito que você não conhece e que muito do que você acha que sabe está distorcido ou errado.

É assim que a humildade leva à sabedoria. Montaigne escreveu certa vez: “Podemos ser conhecedores do conhecimento de outros homens, mas não podemos ser sábios com a sabedoria de outros homens.” Isso porque a sabedoria não é um corpo de informação. É a qualidade moral de conhecer o que você não conhece e descobrir uma maneira de lidar com sua ignorância, incerteza e limitação.

As pessoas que pensamos ser sábias, até certo ponto, superam os preconceitos e tendências de excesso de confiança que são infundidos em nossa natureza. Em seu sentido mais completo, a humildade intelectual é uma autoconsciência precisa à distância. Ela está se movendo ao longo da vida da visão em close de si mesmo típica de um adolescente, em que você preenche toda a tela, para uma visão da paisagem em que você vê de uma perspectiva mais ampla suas forças e fraquezas, suas conexões, relações de dependência e o papel que desempenha em uma história maior.

Finalmente, há algo moralmente impressionante sobre a humildade. Cada época tem seus próprios métodos preferidos de autoaperfeiçoamento, seus próprios modos de construir caráter e profundidade. As pessoas no episódio de *Command Performance* estavam protegendo-se contra algumas de suas tendências menos atraentes: a ser orgulhosas, soberbas, arrogantes.

Hoje, muitos de nós vemos nossa vida por meio da metáfora de uma jornada — uma jornada pelo mundo externo e subindo a escada do sucesso. Quando pensamos em fazer a diferença ou levar uma vida com propósito, muitas vezes pensamos em conseguir algo externo —

executar algum serviço que terá impacto no mundo, criando uma empresa bem-sucedida ou fazendo algo pela comunidade.

Pessoas verdadeiramente humildes também usam essa metáfora da jornada para descrever suas próprias vidas. Mas elas também usam uma metáfora diferente, que tem mais a ver com a vida interior. Esta é a metáfora da autoconfrontação. É mais provável que assumam que somos todos seres profundamente divididos, esplendidamente dotados e profundamente falhos — que cada um de nós tem certos talentos, mas também certas fraquezas. E se habitualmente caímos nessas tentações e não lutamos contra as fraquezas em nós mesmos, então, gradualmente estragaremos alguma parte essencial de nós mesmos. Não seremos tão bons internamente quanto queremos ser. Falharemos de alguma forma profunda.

Para pessoas desse tipo, o drama externo na hierarquia do sucesso é importante, mas a batalha interna contra as próprias fraquezas é o drama central da vida. Como o ministro popular Harry Emerson Fosick colocou em seu livro de 1943, *On Being a Real Person* [“Sendo uma Pessoa Real”, em tradução livre]: “O início da vida útil é, portanto, o confronto com nós mesmos.”<sup>11</sup>

Pessoas verdadeiramente humildes estão engajadas em um grande esforço para expandir o que há de melhor em si mesmas e eliminar o pior, para tornarem fortes seus pontos fracos. Elas começam com uma consciência aguçada das falhas em sua própria natureza. Nosso problema básico é que somos egocêntricos, um problema maravilhosamente capturado no famoso discurso de formatura proferido por David Foster Wallace no Kenyon College em 2005:

Tudo em minha experiência imediata sustenta minha crença profunda de que sou o centro absoluto do Universo; a pessoa mais real, viva e importante que existe. Raramente pensamos sobre esse tipo de egocentrismo natural e básico porque é tão repulsivo socialmente. Mas é praticamente igual para todos nós. É a nossa configuração-padrão, gravada em nossos “circuitos” no nascimento. Pense nisto: não há experiência vivida na qual você não foi centro absoluto. O mundo que você experimenta está à SUA frente ou atrás de VOCÊ, à SUA esquerda ou direita, na SUA TV ou no SEU monitor. E assim por diante. Os pensamentos e sentimentos de outras pessoas têm que ser

comunicados a você de alguma forma, mas os seus são imediatos, urgentes, reais.

Esse egocentrismo leva a várias direções infelizes. Leva ao egoísmo, ao desejo de usar outras pessoas como meios para obter as coisas para si mesmo. Também leva ao orgulho, o desejo de se ver como superior a todos os outros. Leva a uma capacidade de ignorar e racionalizar suas próprias imperfeições e inflar suas virtudes. À medida que passamos pela vida, a maioria de nós está constantemente se comparando e se achando um pouco melhor do que as outras pessoas — com mais virtude, melhor julgamento, melhor gosto. Estamos constantemente buscando reconhecimento e dolorosamente sensíveis a qualquer desprezo ou insulto ao status que acreditamos ter conquistado para nós mesmos.

Uma certa perversidade em nossa natureza nos leva a colocar amores inferiores acima dos mais elevados. Todos nós amamos e desejamos uma infinidade de coisas: amizade, família, popularidade, pátria, dinheiro e assim por diante. E todos nós temos a percepção de que alguns amores são superiores ou mais importantes do que outros. Eu suspeito que todos nós classificamos esses amores da mesma maneira. Nós todos sabemos que o amor que você sente por seus filhos ou pais deve ser maior do que seu amor pelo dinheiro. Todos sabemos que o amor que você tem pela verdade deve ser maior do que o amor pela popularidade. Mesmo nesta era de relativismo e pluralismo, a hierarquia moral do coração é uma coisa que geralmente compartilhamos, pelo menos na maior parte do tempo.

Mas muitas vezes trocamos a ordem dos nossos amores. Se alguém lhe diz alguma coisa em sigilo e, em seguida, você conta a história como uma boa fofoca em um jantar, está colocando seu amor pela popularidade acima de seu amor pela amizade. Se fala mais do que escuta em uma reunião, pode estar colocando sua ânsia por destaque acima do aprendizado e do companheirismo. Fazemos isso o tempo todo.

Pessoas humildes sobre sua própria natureza são realistas morais. Os realistas morais estão cientes de que todos nós somos feitos a partir de “madeira torta” — da famosa frase de Immanuel Kant: “Da madeira torta da humanidade, nada direito jamais foi feito.” As pessoas nesta escola de “madeira torta” da humanidade têm uma consciência apurada de suas próprias falhas e acreditam que o caráter é construído na luta contra suas próprias fraquezas. Como Thomas Merton es-

creveu: “As almas são como atletas que precisam de oponentes dignos, se quiserem ser postas à prova, expandidas e impelidas ao pleno uso de seus poderes.”<sup>12</sup>

Você pode perceber as evidências da luta interna nos diários dessas pessoas. Elas ficam exultantes nos dias em que conquistam uma pequena vitória sobre o egoísmo e a insensibilidade. Ficam desanimadas nos dias em que se decepcionam, quando evitam alguma tarefa caridosa por preguiça ou cansaço, ou deixam de atender a uma pessoa que queria ser ouvida. São mais propensas a ver sua vida como uma história de aventura moral. Como disse o escritor britânico Henry Fairlie: “Se reconhecemos que nossa inclinação para o pecado faz parte de nossas naturezas e que nunca a erradicaremos totalmente, haverá pelo menos algo para fazermos em nossas vidas que no fim não parecerá apenas fútil e absurdo.”

Tenho um amigo que passa alguns momentos na cama à noite revisando os erros do dia. Seu pecado central, do qual muitos de seus outros pecados se ramificam, é uma certa insensibilidade. Ele é um cara ocupado com muitas pessoas exigindo seu tempo. Às vezes ele não está totalmente presente para as pessoas que pedem conselhos ou revelam alguma vulnerabilidade. Às vezes ele está mais interessado em causar uma boa impressão do que em ouvir profundamente as outras pessoas. Às vezes passa mais tempo em uma reunião pensando em como poderia impressionar do que sobre o que os outros estão realmente dizendo. Às vezes bajula demais as pessoas.

Toda noite, ele cataloga os erros. Registra seus principais pecados recorrentes e os outros erros que possam ter decorrido deles. Então ele desenvolve estratégias de como pode melhorar amanhã. Ele tentará olhar de maneira diferente para as pessoas, doar mais tempo para as pessoas. Colocará o cuidado acima do prestígio, a coisa mais importante acima da menos importante. Todos temos a responsabilidade moral de sermos mais morais a cada dia, e ele lutará para progredir a cada dia nessa esfera relevante.

As pessoas que vivem desse modo acreditam que o caráter não é inato ou automático. Você tem que construí-lo com esforço e arte. Não é possível ser a pessoa boa que deseja ser a menos que faça esse esforço. Você nem sequer alcançará sucesso externo duradouro, a menos que construa um núcleo moral sólido. Se não tem alguma integri-

## A EVOCAÇÃO DO EU

HOJE, A ÁREA AO REDOR DO WASHINGTON SQUARE PARK NA BAIXA Manhattan é rodeada pela Universidade de Nova York, apartamentos caros e lojas de luxo. Mas em 1911 havia as típicas e belas construções de pedra marrom ao lado norte do parque e fábricas em seus lados leste e sul, atraindo jovens e principalmente imigrantes judeus e italianos. Uma dessas belas casas era propriedade da Sra. Gordon Norrie, uma socialite descendente de dois dos homens que assinaram a Declaração de Independência.

Em 25 de março, a Sra. Norrie acabara de se sentar para tomar chá com um grupo de amigas quando ouviram uma comoção do lado de fora. Uma de suas convidadas, Frances Perkins, então com 31 anos, era de uma família tradicional, mas de classe média, do Maine, cuja linhagem remonta à época da Revolução. Ela frequentou a Mount Holyoke College e trabalhava na Liga dos Consumidores de Nova York, fazendo lobby para erradicar o trabalho infantil. Perkins falava de uma maneira que refletia sua criação de classe alta — como Margaret Dumont nos velhos filmes dos Irmãos Marx ou a Sra. Thurston Howell III, do antigo seriado norte-americano *Ilha dos Birutas* — um sotaque afetado que acentuava o “a” e atenuava o “r”.

Um mordomo entrou correndo e anunciou que havia um incêndio perto da praça. As senhoras saíram apressadas. Perkins segurou as saias e correu em direção a ele. Elas testemunhavam um dos incêndios mais famosos da história norte-americana, na fábrica de roupas Triangle Shirtwaist. Perkins podia ver o oitavo, nono e décimo anda-

res do prédio em chamas e dezenas de trabalhadores aglomerados em torno das janelas abertas. Ela se juntou à multidão de espectadores horrorizados na calçada abaixo.

Alguns viram o que pensavam ser fardos de tecido caindo das janelas. Achavam que eram os donos da fábrica tentando salvar sua melhor matéria-prima. Enquanto os pacotes continuavam a cair, os espectadores perceberam que não eram fardos. Eram pessoas atirando-se para a morte. “As pessoas começaram a pular quando chegamos lá”, lembrou Perkins mais tarde. “Elas estavam esperando até aquele momento, de pé nos peitoris das janelas, comprimidas por outras, o fogo cada vez mais perto, a fumaça cada vez mais perto.”<sup>1</sup>

“Elas começaram a pular. As janelas estavam lotadas e as pessoas pulavam e batiam na calçada”, lembra ela. “Todos que pularam morreram. Foi uma cena horripilante.”<sup>2</sup>

Os bombeiros estenderam as redes, mas o peso dos corpos saltando da imensa altura arrancava as redes das mãos dos bombeiros, ou os corpos as atravessavam. Uma mulher, em um ato de generosidade, esvaziou sua bolsa sobre os espectadores abaixo e, em seguida, atirou-se.

Perkins e os outros gritavam para eles: “Não pule! A ajuda está chegando.” Não estava. As chamas abrasavam as pessoas encurraladas. Quarenta e sete pessoas acabaram pulando. Uma jovem fez um discurso antes de mergulhar, gesticulando com paixão, mas ninguém conseguiu escutar. Um jovem ajudou gentilmente uma garota a subir no peitoril da janela. Então ele a segurou, longe do prédio, como uma bailarina, e a deixou cair. Ele fez o mesmo com uma segunda e uma terceira pessoa. Finalmente, uma quarta garota estava no peitoril da janela; ela o abraçou e eles compartilharam um longo beijo. Então ele a segurou e a soltou também. Em seguida, foi a vez de ele se lançar no ar. Enquanto caía, as pessoas notaram, quando suas calças se inflaram, que ele usava sapatos sociais marrons. Um repórter escreveu: “Eu vi o rosto dele antes de o cobrirem. Dava para ver que era um homem de verdade. Ele fez o melhor que pôde.”<sup>3</sup>

O incêndio começara por volta das 16h40 daquela tarde, quando alguém no oitavo andar jogou um cigarro ou um fósforo em uma das grandes pilhas de descartes de tecido que sobravam do processo de alfaiataria. A pilha rapidamente acendeu em chamas.

Alguém alertou o gerente da fábrica, Samuel Bernstein, que encheu alguns baldes próximos com água e jogou no fogo. Pouco adian-

tu. Os pedaços de tecido eram explosivamente inflamáveis, mais que papel, e havia aproximadamente uma tonelada do material empilhado somente no oitavo andar.<sup>4</sup>

Bernstein despejou mais baldes de água no fogo crescente, mas a essa altura eles já não tinham efeito algum, e as chamas se espalhavam pelos moldes de papel de seda pendurados acima das mesas de trabalho de madeira. Ele ordenou que os trabalhadores trouxessem uma mangueira de incêndio de uma escada próxima. Eles abriram a válvula, mas não havia pressão. Como David Von Drehle, o historiador do incêndio, argumentou, Bernstein tomou uma decisão fatal nos primeiros três minutos. Ele poderia ter gastado esse tempo lutando contra o incêndio ou evacuando os quase 500 trabalhadores. Em vez disso, lutou contra as labaredas sem qualquer efeito. Se tivesse evacuado o local, é possível que ninguém tivesse morrido naquele dia.<sup>5</sup>

Quando Bernstein finalmente tirou os olhos da parede de fogo, ficou surpreso com o que viu. Muitas das mulheres no oitavo andar estavam indo ao vestiário para pegar seus casacos e pertences. Algumas procuravam seus cartões para bater ponto antes de sair.

Por fim, os dois donos da fábrica no décimo andar foram alertados sobre o incêndio, que já consumia o oitavo andar e se espalhava rapidamente para o deles. Um deles, Isaac Harris, reuniu um grupo de trabalhadores e imaginou que provavelmente seria suicídio tentar descer e atravessar o fogo. “Meninas, vamos subir para o telhado! Subam no telhado!”, berrou. O outro dono, Max Blanck, travou de medo. Ele ficou paralisado com um olhar de terror em seu rosto, segurando sua filha mais nova em um braço e a mão da filha mais velha com o outro.<sup>6</sup> Um funcionário, que estava fugindo agarrado ao livro de pedidos da empresa, decidiu jogá-lo no chão e salvar a vida do chefe.

A maioria dos trabalhadores no oitavo andar conseguiu sair, mas os trabalhadores do nono andar só foram avisados pouco antes de o fogo chegar até eles. Correram como um cardume de peixes aterrorizados, de um lado para outro, em busca de uma possível saída. Havia dois elevadores, mas eles eram lentos e estavam sobrecarregados. Não havia sistema de sprinklers. Havia uma escada de incêndio, mas era frágil e estava bloqueada. Em dias normais, os trabalhadores eram revistados ao saírem para suas casas, para evitar roubos. A fábrica foi projetada para forçá-los a sair por meio de um único ponto de estrangulamento. Algumas das portas estavam trancadas. Quando o fogo os cercou, os trabalhadores foram deixados à própria sorte para tomar

decisões desesperadas de vida e morte com informações limitadas em uma atmosfera crescente de fogo, fumaça e terror.

Três amigas, Ida Nelson, Katie Weiner e Fanny Lansner, estavam no vestiário quando os gritos de “Fogo!” chegaram até elas. Nelson decidiu correr até uma das escadas. Weiner foi até os elevadores e os viu descendo dentro do poço. Ela se atirou no vão, mergulhando no teto do elevador. Lansner não escolheu esses caminhos e não conseguiu sair.<sup>7</sup>

Mary Bucelli mais tarde descreveu sua parte na luta brutal para sair primeiro: “Não consigo nem descrever, dei muitos empurrões e chutes. Dei e recebi. Eu empurrava qualquer um que encontrasse”, disse ela sobre seus colegas de trabalho. “Eu estava apenas tentando salvar minha própria vida... Em um momento como esse, há uma grande confusão e você precisa entender que não dá para ver nada... Você vê uma infinidade de coisas, mas não consegue distinguir nada. Com a confusão e a luta para sobreviver, você não consegue distinguir nada.”<sup>8</sup>

Joseph Brenman era um dos relativamente poucos homens na fábrica. Uma multidão de mulheres se acotovelava entre ele e os elevadores. Mas elas eram pequenas, e muitas eram frágeis. Ele as empurrou para o lado, entrou no elevador e se salvou.

Os bombeiros chegaram rapidamente, mas suas escadas não alcançavam o oitavo andar. A água das mangueiras mal podia chegar tão alto, era apenas o suficiente para banhar de leve o exterior do prédio.

## Vergonha

---

O TERROR DO INCÊNDIO NA TRIANGLE SHIRTWAIST TRAUMATIZOU A CIDADE. As pessoas não estavam apenas furiosas com os donos da fábrica, mas também se sentiam profundamente responsáveis. Em 1909, uma jovem imigrante russa chamada Rose Schneiderman liderou as mulheres que trabalhavam na Triangle e em outras fábricas em uma greve para denunciar os problemas exatos que levaram ao desastre do incêndio. As piqueteiras foram assediadas pelos seguranças da empresa. A cidade olhava com indiferença, como acontecia com as vidas dos pobres em geral. Depois do incêndio, houve uma propagação coletiva de raiva, alimentada pela culpa coletiva pela forma como as pessoas seguiram suas próprias vidas, insensivelmente indiferentes às condições e ao sofrimento dos outros ao seu redor. “Não dá nem para

descrever como as pessoas por toda a cidade estavam perturbadas”, lembra Frances Perkins. “Era como se todos tivéssemos feito algo errado. Não deveria ter acontecido. Nós sentimos muito. Mea culpa! Mea culpa!”<sup>9</sup>

Uma grande marcha memorial foi realizada e depois uma grande reunião com todos os principais cidadãos da cidade. Perkins estava no palco como representante da Liga dos Consumidores quando Rose Schneiderman inflamou a multidão: “Eu seria uma traidora desses pobres corpos queimados se viesse aqui para falar de solidariedade. Nós julgamos vocês, bons cidadãos do público — e os consideramos negligentes!

“A velha Inquisição tinha sua roda e seus parafusos de dedo, e seus instrumentos de tortura com dentes de ferro. Sabemos o que essas coisas são hoje: os dentes de ferro são as nossas necessidades, os parafusos de dedo são as rápidas máquinas de alta potência próximas às quais devemos trabalhar, e a roda são essas armadilhas disfarçadas de prédios que nos queimarão vivos no minuto em que pegarem fogo...

“Nós julgamos vocês, cidadãos! Estamos julgando vocês agora e tudo que vocês têm a oferecer é um punhado de dólares às tristes mães, e irmãos e irmãs, como doação de caridade. Mas, toda vez que os trabalhadores saem da única maneira que sabem para protestar contra as condições de trabalho insuportáveis, a mão forte da lei nos oprime com força... Eu não posso falar de solidariedade com vocês, reunidos aqui. Muito sangue foi derramado!”<sup>10</sup>

O fogo e seus tremores secundários deixaram uma marca profunda em Frances Perkins. Até aquele momento, ela havia pressionado pelos direitos dos trabalhadores e pelos pobres, mas sua jornada de vida era convencional, em direção a um casamento convencional, talvez, e obras de caridade refinadas. Depois do incêndio, o que foi um trabalho se transformou em vocação. A indignação moral a colocou em um curso diferente. Seus próprios desejos e seu próprio ego deixaram de ser o centro, e a causa em si se tornou a essência de sua estrutura de vida. As delicadezas de sua classe desapareceram. Ela ficou impaciente com a forma como progressistas da alta sociedade alegavam servir aos pobres. Ficou impaciente com a mesquinhez deles, com o desejo de permanecer imaculados e distantes da confusão. Perkins ficou mais calejada. Ela se jogou na brutalidade da política. Estava disposta a tomar medidas moralmente perigosas se isso evitasse outra catástrofe como a que aconteceu com as mulheres na fábrica

da Triangle. Estava disposta a fazer concessões e a trabalhar com funcionários corruptos se isso produzisse resultados. Ela se concentrou nessa causa pelo resto da vida.

## Chamado

---

HOJE, OS ORADORES DIZEM AOS GRADUANDOS NO DISCURSO DE FORMAÇÃO para seguir sua paixão, confiar em seus sentimentos, refletir e encontrar seu propósito na vida. A suposição por trás desses clichês é que, quando você está descobrindo como conduzir sua vida, as respostas mais importantes são encontradas no íntimo de cada um. Quando você é jovem e está começando a adentrar na idade adulta, deve, por meio desse raciocínio, sentar-se e dedicar um tempo para descobrir a si mesmo, definir o que é realmente importante para você, quais são suas prioridades, o que desperta suas paixões mais profundas. Você deve fazer algumas perguntas: qual é o propósito da minha vida? O que eu quero da vida? Quais são as coisas que realmente valorizo, que não são feitas apenas para agradar ou impressionar as pessoas ao meu redor?

Por esse modo de pensar, a vida pode ser organizada como um plano de negócios. Primeiro você faz um inventário de seus dons e paixões. Em seguida, define metas e apresenta algumas métricas para organizar seu progresso em direção a essas metas. Então, traça uma estratégia para alcançar o seu propósito, o que o ajudará a distinguir as coisas que o levam em direção aos seus objetivos das que parecem urgentes, mas que na realidade são apenas distrações. Se você definir um propósito realista logo no início e executar sua estratégia de maneira flexível, acabará levando uma vida com propósito. Você terá alcançado a autodeterminação, do tipo capturado nas citadas linhas do poema "Invictus" de William Ernest Henley: "Eu sou o senhor do meu destino / eu sou o capitão da minha alma."

É assim que as pessoas tendem a organizar suas vidas em nossa era de autonomia individual. É um método que começa com o eu e termina com o eu, que começa com a autoinvestigação e termina em autorrealização. Essa é uma vida determinada por uma série de escolhas individuais. Mas Frances Perkins encontrou seu propósito na vida usando um método diferente, que era mais comum em eras passadas. Nesse método, você não pergunta: o que eu quero da vida? Você

faz um conjunto diferente de perguntas: o que a vida quer de mim? O que minhas circunstâncias me impelem a fazer?

Nesse esquema das coisas, não somos nós que criamos nossas vidas; somos convocados pela vida. As respostas importantes não são encontradas dentro, mas sim do lado de fora. Essa perspectiva não começa dentro do eu autônomo, mas nas circunstâncias concretas em que você está inserido. Essa perspectiva começa com a consciência de que o mundo existiu muito antes de você e perdurará muito tempo depois, e que no breve período da sua vida você foi lançado pelo destino, pela história, pelo acaso, pela evolução ou por Deus a um lugar específico com problemas e necessidades específicas. Seu trabalho é descobrir certas coisas: o que esse ambiente precisa para ficar completo? O que precisa ser reparado? Que tarefas estão por aí esperando para serem executadas? Como disse o romancista Frederick Buechner: “Em que ponto meus talentos e profunda satisfação atendem à profunda necessidade do mundo?”

Viktor Frankl descreveu esse tipo de chamado em seu famoso livro de 1946, *O Homem em Busca de um Sentido*. Frankl era um psiquiatra judeu em Viena, foi preso em 1942 pelos nazistas, e enviado para um gueto e depois para uma série de campos de concentração. Sua esposa, mãe e irmão morreram nos campos. Frankl passou a maior parte do tempo de cárcere preparando trilhos para linhas ferroviárias. Essa não era a vida que planejara para si mesmo. Não era sua paixão ou seu sonho. Não era o que ele faria se estivesse seguindo seus desejos. Mas essa foi a trajetória de vida atribuída a ele. E ficou claro para ele que o tipo de pessoa que acabaria se tornando dependeria do tipo de decisão interna que tomaria em resposta a suas circunstâncias.

“Realmente não importava o que esperávamos da vida”, ele escreveu, “mas sim o que a vida esperava de nós. Precisávamos parar de perguntar o sentido da vida e, em vez disso, pensar em nós mesmos como aqueles que estavam sendo questionados pela vida — diariamente e a cada hora”.<sup>11</sup> Frankl concluiu que o destino havia imposto uma tarefa moral e intelectual diante dele. O destino lhe dera uma missão.

Sua tarefa moral era sofrer bem, ser digno de seus sofrimentos. Ele não podia controlar o quanto sofria — se ou quando acabaria na câmara de gás ou como um cadáver jogado ao lado da estrada —, mas ele era capaz de controlar sua resposta interna aos seus sofrimentos. Os nazistas tentaram desumanizar e ultrajar suas vítimas, e alguns prisioneiros aceitaram essa degradação ou se abrigaram em suas me-

mórias de um passado feliz. Mas outros lutaram contra a humilhação e fortaleceram sua própria integridade. “Poderíamos sair vitoriosos dessas experiências, transformando a vida em um triunfo interior”, percebeu Frankl. Pode-se lutar contra a humilhação afirmando pequenos atos de dignidade, não necessariamente para mudar sua vida exterior ou mesmo seu destino final, mas para fortalecer as vigas e pilares de sua estrutura interna. Ele poderia exercitar o que chamou de “controle interno”, um controle rigoroso de seu próprio estado interior, uma defesa disciplinada de sua própria integridade.

“O sofrimento se tornou uma tarefa que não queríamos ignorar”, escreveu Frankl.<sup>12</sup> Uma vez que ele tomou conhecimento da tarefa que a vida designara a ele, entendeu o significado e o propósito final de sua vida e a oportunidade que a guerra lhe dera para realizar esse propósito. E uma vez que ele entendeu o significado desses eventos, a própria sobrevivência se tornou mais fácil. Como Nietzsche observou: “Aquele que tem um porquê para viver pode suportar quase qualquer como.”

A outra tarefa de Frankl era tomar as circunstâncias em que a vida o colocara e transformá-las em sabedoria que pudesse levar ao mundo. Frankl recebeu uma grande oportunidade intelectual de estudar seres humanos sob as condições mais terríveis. Ele teve a chance de compartilhar suas observações com seus companheiros de prisão e, se sobrevivesse, imaginou que poderia passar o resto de sua vida compartilhando esse conhecimento com o mundo.

Quando tinha energia mental, falava com grupos de prisioneiros, dizendo-lhes para levar suas vidas a sério e lutar para preservar seu controle interno. Ele lhes disse que focalizassem suas mentes na imagem de um ente querido, para preservar, compartilhar e fortalecer o amor por sua esposa, filho, pai ou amigo ausente, mesmo em meio a circunstâncias que conspiram para destruir o amor, mesmo que o ente querido, tendo sido enviado para um campo diferente, já estivesse morto. Em meio à poeira, à sujeira e aos cadáveres, ainda era possível alcançar os céus: “Eu chamei ao Senhor da minha estreita prisão e ele me respondeu na liberdade do espaço.” Pode-se, escreveu Frankl, envolver-se na paixão arrebatadora pelo ser amado e, ainda assim, compreender o pleno significado das palavras “Os anjos estão perdidos na contemplação perpétua de uma glória infinita”.

Dizia a potenciais suicidas que a vida não havia parado de esperar coisas deles, e que algo no futuro ainda era esperado deles. Na escuridão após as luzes serem apagadas, dizia aos colegas prisioneiros

que alguém os observava — um amigo, uma esposa, alguém vivo ou morto, ou Deus — e que não queria ficar desapontado.<sup>13</sup> A vida, conclui ele, “significa, em última instância, assumir a responsabilidade de encontrar a resposta certa para seus problemas e cumprir as tarefas que a vida constantemente coloca diante do indivíduo”.<sup>14</sup>

Poucas pessoas são colocadas em circunstâncias tão terríveis e extremas, mas todos nós recebemos dons, aptidões, capacidades, talentos e características que não foram conquistados. E todos nós somos colocados em circunstâncias que exigem ação, quer envolvam pobreza, sofrimento, as necessidades de uma família ou a oportunidade de transmitir uma mensagem. Essas circunstâncias nos dão a grande chance de justificar nossos dons.

Sua capacidade de discernir sua vocação depende da condição de seus olhos e ouvidos, se são suficientemente sensíveis para compreender a tarefa que seu contexto está dando-lhe. Como diz a Mishná judaica: “Não é sua obrigação concluir o trabalho, mas você também não está livre para desistir de iniciá-lo.”

## Vocação

---

FRANKL, ASSIM COMO PERKINS, TINHA UMA VOCAÇÃO. UMA VOCAÇÃO não é uma carreira. Uma pessoa que escolhe uma carreira procura oportunidades de emprego e espaço para progresso profissional. Uma pessoa que escolhe uma carreira busca algo que proporcione benefícios financeiros e psicológicos. Se o seu trabalho ou carreira não estiver funcionando para você, escolha outro.

Uma pessoa não escolhe uma vocação. Ela é um chamado. As pessoas geralmente sentem que não têm escolha. Sua vida seria irreconhecível, a menos que seguissem essa linha de atividade.

Às vezes elas são chamadas pela indignação. Frances Perkins testemunhou o incêndio da Triangle e ficou indignada com a possibilidade de que essa laceração no tecido moral do mundo perdurasse. Outras pessoas são chamadas por um ato. Uma mulher pega um violão e a partir daquele momento sabe que é violonista. Tocar não é algo que ela faz; violonista é quem ela é. Outras pessoas ainda recebem o chamado por meio de um verso da Bíblia ou uma passagem literária. Certa manhã de verão de 1896, Albert Schweitzer chegou à passagem bí-

blica: “Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá, mas quem perder a sua vida por minha causa a encontrará.” Naquele momento soube que fora chamado a desistir de sua carreira muito bem-sucedida como um estudioso musical e organista para cursar medicina e se tornar um médico na selva.

Uma pessoa com vocação não é devotada aos direitos civis, a curar uma doença, a escrever um grande romance ou a administrar uma empresa mais humana porque isso atende a alguma análise de custo-benefício. Tais pessoas se dedicam às suas vocações por razões mais profundas e superiores à utilidade e se apegam a elas ainda mais ferozmente quanto mais dificuldades surgem. Schweitzer escreveu: “Qualquer um que se proponha a fazer o bem não deve esperar que as pessoas tirem as pedras do caminho, e deve aceitar com calma a sua sorte mesmo que as pessoas joguem mais algumas pedras em seu caminho. Só a força que em face dos obstáculos se torna mais forte é capaz de vencer.”<sup>15</sup>

É importante salientar quanto o sentido da vocação está em desacordo com a lógica contemporânea vigente. Uma vocação não é satisfazer seus desejos ou vontades, como os economistas modernos esperam que façamos. Uma vocação não é uma questão de busca da felicidade, se por “felicidade” você quer dizer estar de bom humor, ter experiências agradáveis ou evitar a luta e a dor. Essa pessoa se torna um instrumento para o desempenho do trabalho que foi colocado diante dela. Ela se molda à tarefa em mãos. Enquanto servia como um instrumento na luta contra a tirania soviética, Alexander Soljenítsin disse o seguinte: “Sinto-me mais feliz, mais seguro, em pensar que não tenho que planejar e administrar tudo sozinho, que sou apenas uma espada que foi afiada para ferir as forças impuras, uma espada encantada para destruí-las e dispersá-las. Conceda, ó Senhor, que eu não quebre quando proferir o golpe! Não me deixe cair da Tua mão!”

E ainda assim as pessoas vocacionadas geralmente não são mal-humoradas. Em primeiro lugar, há a alegria que costumam obter das próprias atividades. Dorothy L. Sayers, mais conhecida hoje como escritora de mistérios, mas também estudiosa e teóloga respeitada em seu tempo, costumava fazer uma distinção entre servir à comunidade e servir ao trabalho. As que procuram servir à comunidade acabam deturpando seu trabalho, escreveu ela, quer o trabalho seja escrever um romance ou assar pão, porque não estão focadas unicamente na

tarrafa em mãos. Mas se você servir ao trabalho — se executar cada tarefa com a maior perfeição —, então, experimentará a profunda satisfação da habilidade e acabará servindo à comunidade de forma mais rica do que planejaria conscientemente. E vê-se isso em pessoas com uma vocação — uma certa expressão arrebatadora, um desejo apaixonado de apresentar uma dança ou administrar uma organização à sua máxima perfeição. Elas sentem a alegria de ter seus valores em profunda harmonia com seu comportamento. Experimentam uma certeza maravilhosa de ação que elimina o cansaço mesmo dos dias mais difíceis.

O incêndio da Triangle Shirtwaist Factory não foi o único evento que definiu o propósito de Frances Perkins na vida, mas foi um dos principais. Esse horror se apresentou diante dela. E, como muitas pessoas, ela encontrou uma determinação mais feroz em meio a uma onda de justificada revolta. Não foi só porque muitas pessoas morreram — afinal, elas não poderiam ser trazidas de volta à vida; foi também o “ataque contínuo à ordem comum que o incêndio passou a simbolizar”. Há um modo universal pelo qual as pessoas devem ser tratadas, uma maneira que respeite sua dignidade como seres humanos, e esse caminho estava sendo violado por maus tratos. A pessoa que experimenta esse tipo de indignação encontrou sua vocação.

### A Infância Rigorosa

---

PERKINS NASCEU NO BAIRRO DE BEACON HILL, EM BOSTON, EM 10 DE abril de 1880. Seus ancestrais chegaram na grande migração protestante em meados do século XVII, estabelecendo-se primeiro em Massachusetts e depois no Maine. Um ancestral, James Otis, foi um fervoroso herói da Guerra Revolucionária. Outro, Oliver Otis Howard, serviu como general na Guerra Civil antes de fundar a Howard University, a faculdade historicamente negra em Washington, D.C. Howard visitou a casa de Perkins quando Frances tinha 15 anos. Por ter perdido o braço na guerra, Frances foi sua escriba.<sup>16</sup>

Os Perkins foram agricultores e fabricantes de tijolos ao longo de séculos, principalmente perto do rio Damariscotta, a leste de Portland, Maine. A mãe de Frances era membro da grande família Bean. Eles deram à filha uma educação tradicional dos ianques: parcimoniosa, zelosa e brutalmente honesta. À noite, Fred Perkins lia poesia grega e

recitava peças gregas com amigos. Ele começou a ensinar gramática grega para Frances quando ela tinha sete ou oito anos. A mãe de Frances era séria, artística e assertiva. Quando Frances tinha dez anos, sua mãe a levou a uma loja de chapéus. Os chapéus da moda na época eram estreitos e altos, com penas e fitas. Mas Susan Bean Perkins colocou um chapéu simples, de três pontas e coroa baixa na cabeça de Frances. O que ela disse a seguir reflete um tipo muito diferente de educação infantil do que é comum hoje em dia. Enquanto hoje tendemos a dizer às crianças como elas são maravilhosas, naqueles dias os pais tinham maior probabilidade de confrontar as crianças com suas próprias limitações e fraquezas. Eles eram mais propensos a confrontá-los com uma honestidade que pode parecer brutal para nós hoje:

“Aí está, minha querida, este é o seu chapéu”, disse a mãe. “Você deve sempre usar um chapéu como este. Você tem um rosto muito largo. É mais largo entre as duas bochechas do que no topo. Sua cabeça é mais estreita acima das têmporas do que nas maçãs do rosto. Além disso, a linha do seu queixo é muito acentuada. O resultado é que o seu chapéu precisa ser tão largo quanto suas bochechas. Nunca use um chapéu que seja mais estreito do que as maçãs do rosto, porque isso fará você parecer ridícula.”<sup>17</sup>

Hoje em dia, a cultura ianque da Nova Inglaterra foi diluída pela influência suavizadora da cultura global, mas naquela época ainda era rigorosa e distinta. Os ianques eram reticentes, autoconfiantes, igualitários e emocionalmente austeros. Às vezes, essa austeridade se transformava em frieza. Mas às vezes era motivada e misturada com amor e ternura ferozes. Os habitantes da Nova Inglaterra tendiam a ter uma forte consciência de sua própria propensão ao pecado e adoravam um Deus que demonstrava seu amor por meio da repressão e da correção. Trabalhavam arduamente. E não reclamavam.

Uma noite, Perkins, então uma jovem, desceu as escadas usando um novo vestido de festa. Seu pai disse a ela que a roupa a fazia parecer uma dama. Perkins refletiu mais tarde: “Mesmo que eu tivesse conseguido ficar bonita — o que, lembre-se, não estou dizendo que consegui fazê-lo —, meu pai nunca teria me dito. Isso teria sido um pecado.”<sup>18</sup>

Os ianques também combinavam o que se poderia chamar de conservadorismo social com liberalismo político. Tradicionais e severos em suas vidas privadas, eles acreditavam na compaixão comunitária e na ação do governo. Eles acreditavam que os indivíduos têm uma responsabilidade coletiva de preservar a “boa ordem”. Mesmo em mea-

dos do século XVIII, as colônias da Nova Inglaterra tinham níveis de tributação estadual e local duas vezes mais altos do que os níveis em colônias como a Pensilvânia e a Virgínia. Eles também depositavam grande fé na educação. Nos últimos 350 anos, as escolas da Nova Inglaterra estão entre as melhores dos Estados Unidos. Os habitantes da Nova Inglaterra têm, até hoje, alguns dos mais altos níveis de desempenho educacional do país.<sup>19</sup>

Os pais de Perkins a enviaram para a escola, mas ela nunca obteve boas notas. Ela tinha uma facilidade natural com as palavras, e no ensino médio usou sua desenvoltura para seguir adiante. Então, foi para a Mount Holyoke College, membro da turma de 1902. As regras dessa faculdade e das faculdades em geral eram, de novo, muito diferentes das regras de hoje. Hoje, os estudantes vivem mais ou menos sem supervisão em seus dormitórios. Têm liberdade para conduzir suas vidas privadas como bem entenderem. Na época, eles viviam sob restrições, muitas das quais parecem absurdas agora, e que foram projetadas para incutir deferência, modéstia e respeito. Aqui estão algumas das regras que faziam parte do código de conduta quando Perkins entrou na Holyoke: “As calouras devem manter um silêncio respeitoso na presença de segundanistas. As calouras que se encontram com segundanistas no campus devem se curvar respeitosamente. Nenhuma caloura deve usar saia longa ou cabelo preso antes dos exames do meio do ano.”<sup>20</sup> Perkins sobreviveu às restrições e ao trote que acompanhava essa estrutura hierárquica e se tornou uma das estrelas sociais de sua classe, eleita presidente de turma no último ano.

Hoje, os professores tendem a procurar os pontos fortes intelectuais de seus alunos, para que possam cultivá-los. Mas, há um século, os professores buscavam descobrir as fraquezas morais de seus alunos, para que pudessem corrigi-las. Uma professora de latim, Esther Van Dieman, diagnosticou a preguiça de Perkins, sua tendência a ser indolente demais consigo mesma. Van Dieman usou a gramática de latim como um instrutor militar usa as marchas forçadas, como uma provação para cultivar a diligência. Ela forçou Perkins a trabalhar, hora após hora, em recitações precisas dos tempos verbais latinos. Perkins desatava a chorar de tanta frustração e aborrecimento, mas depois expressou seu apreço pela disciplina forçada: “Pela primeira vez me tornei consciente do caráter.”<sup>21</sup>

Perkins se interessava por história e literatura, e tinha dificuldades em química. Mesmo assim, sua professora de química, Nellie

Goldthwaite, insistia que ela se especializasse em química. A ideia era que, se ela fosse forte o suficiente para se formar em sua disciplina mais fraca, seria forte o suficiente para lidar com o que a vida lhe impusesse. Goldthwaite pediu a Perkins que fizesse os cursos mais difíceis, mesmo que isso significasse obter notas medíocres. Perkins aceitou o desafio. Goldthwaite tornou-se sua conselheira docente. Anos depois, Perkins disse a uma ex-aluna que pertencia à Associação de Ex-alunas: “A mente do graduando deve se concentrar nos cursos científicos, que temperam o espírito humano, endurecem e refinam, e fazem dele uma ferramenta com a qual qualquer pessoa é capaz de lidar com qualquer tipo de coisa.”<sup>22</sup>

Mount Holyoke era o tipo de faculdade que deixava uma marca permanente em suas alunas. Não via seu papel, como tendem as universidades modernas, nos termos puramente cognitivos de Adão I. Não estava lá apenas para ensinar as pessoas a pensar. Nem apenas para ajudar as estudantes a questionar suas suposições. Em vez disso, realizava com sucesso o papel mais amplo da faculdade: ajudar adolescentes a se tornarem adultas. Inculcava o autocontrole. Ajudava suas alunas a descobrir coisas novas para amar. Recebia as jovens e acendia suas paixões morais, dando-lhes uma sensação de que os seres humanos são capturados em uma teia de bem e mal, e que a vida é uma luta épica entre essas grandes forças. A instituição transmitia às alunas a mensagem de que, enquanto aqueles que levam vidas triviais e desinteressantes podem até evitar a luta, uma vida bem vivida envolve lançar-se na luta, que grandes partes das vidas mais honradas são passadas em momentos difíceis, testando a coragem moral e enfrentando oposição e humilhação, e que aqueles que buscam a luta acabam sendo mais felizes do que aqueles que buscam o prazer.

Então lhes disse que os heróis nessa luta não são as almas que se enaltecem perseguindo a glória; em vez disso, são os heróis da renúncia aquelas que aceitam um chamado árduo. Depois, tentava acabar com seu idealismo de forma permanente, criticando meros voos de compaixão e sacrifícios de autocongratulação. A instituição enfatizava que prestar serviço não é algo que você faz com a bondade de seu coração, mas como uma dívida que está pagando pela dádiva da vida.

Então, a instituição lhes fornecia formas concretas de viver esta vida de serviço estável e heroico. Ao longo das décadas, Mount Holyoke enviou centenas de mulheres para cargos missionários e serviços no noroeste do Irã, Natal no sul da África e Maharashtra no oeste